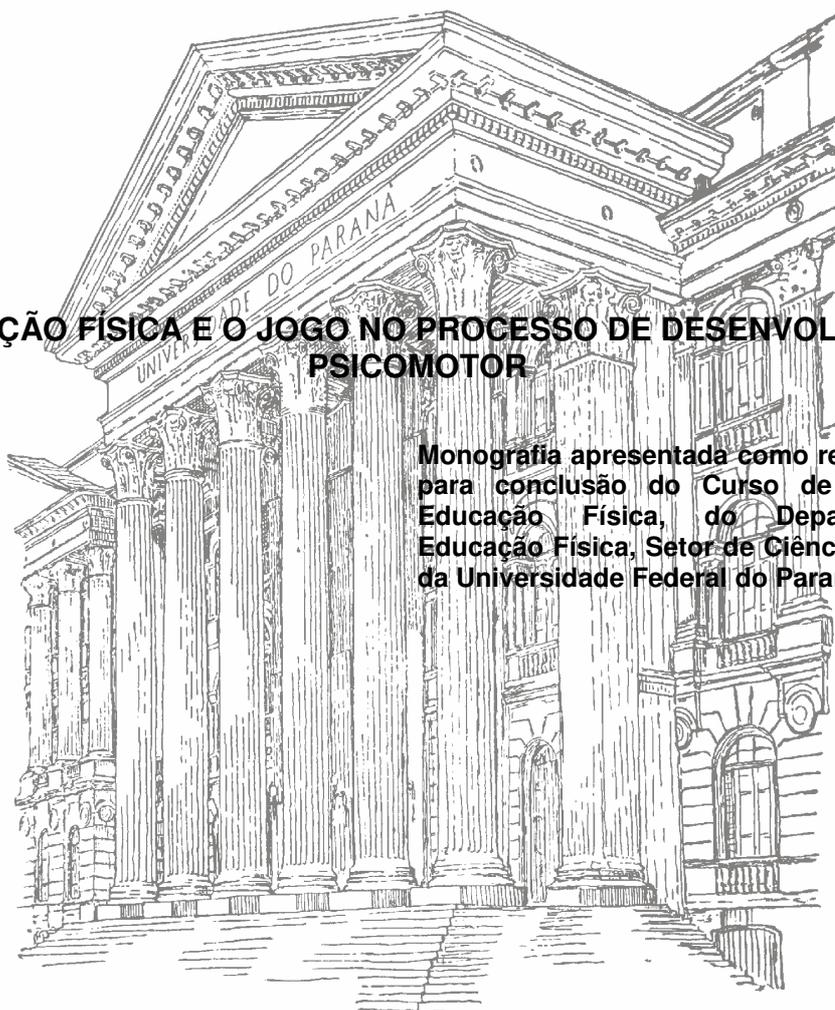


YURI RAFAEL GLOCK MACENO

**A EDUCAÇÃO FÍSICA E O JOGO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO
PSICOMOTOR**

Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Bacharel em
Educação Física, do Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.



CURITIBA

2008

YURI RAFAEL GLOCK MACENO

**A EDUCAÇÃO FÍSICA E O JOGO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO
PSICOMOTOR**

**Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Bacharel em
Educação Física, do Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.**

ANDRÉ CAPRARO

Dedicado a todos que trabalham e fortalecem a Educação Física

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores pelo aprendizado e por fortalecerem a educação.

SUMÁRIO

RESUMO	6
1 INTRODUÇÃO	7
2 REVISÃO DE LITERATURA	8
2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA RELAÇÃO COM A PSICOMOTRICIDADE.....	8
2.2 O QUE É PSICOMOTRICIDADE	9
2.3 CONCEITOS DE PSICOMOTRICIDADE	10
2.4 EDUCAÇÃO DO MOVIMENTO.....	11
2.5 PSICOMOTRICIDADE E AFETIVIDADE	14
2.6 A EDUCAÇÃO FÍSICA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO PSICOMOTORA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA EM IDADE ESCOLAR	15
2.7 AS FINALIDADES E OS OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	21
2.8 O MOVIMENTO E O JOGO	25
2.9 A IMPORTÂNCIA DO JOGO PARA EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	30
3 METODOLOGIA	35
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	35
3.2 INSTRUMENTOS DE PESQUISA	35
3.3 COLETA DE DADOS	36
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	35
5 CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS	51

RESUMO

A EDUCAÇÃO FÍSICA E O JOGO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR

O presente trabalho aborda aspectos referentes à utilização adequada do jogo nas aulas de Educação Física para alunos da educação infantil, como uma necessidade dentro do processo educativo.

Partindo do princípio de que jogar é uma atividade básica da criança e que essa atividade faz parte do seu dia-a-dia, pode-se entender o jogo como instrumento do seu desenvolvimento global. O jogo é um dos conteúdos que a Educação Física pode explorar visando a construção de um conhecimento de qualidade na esfera da cultura corporal e esportiva, objetivando formar sujeitos críticos-reflexivos.

É importante ressaltar que o docente envolvido na utilização do jogo como meio de intervenção para a construção do saber, precisa superar a visão reducionista do jogo, que prioriza a competitividade e reduz os objetivos desse ensino ao campo esportivo. Entendendo que o jogo é um elemento essencial para o desenvolvimento global da criança e não um mero instrumento para recrear as crianças durante a aula de Educação Física, e ao ver através da experiência profissional, crianças que fazem parte da educação infantil serem vítimas das formas codificadas e atitudes autoritárias nas aulas, é que justifica a realização deste trabalho com a intenção de verificar a compreensão e a importância do jogo no contexto da Educação Física e do desenvolvimento Psicomotor.

Palavras chaves: Educação física, psicomotricidade e jogo

I INTRODUÇÃO

Professores, pedagogos e psicólogos estão de acordo que o jogo infantil é uma atividade física e mental que favorece tanto o desenvolvimento pessoal como a sociabilidade, de forma integral e harmoniosa. A criança evolui com o jogo, e este por sua vez pode ir se tornando cada vez mais complexo, atendendo os interesses emocionais, sociais, motores e cognitivos conforme o desenvolvimento ocorre.

Independente de época, cultura e classe social, os jogos e os brinquedos fazem parte da vida da criança, pois elas vivem num mundo de fantasia, de encantamento, de alegria, de sonhos, onde realidade e faz-de-conta se confundem, e o jogo permite isso. O caráter de ficção é um dos elementos constitutivos do jogo e é um modo de expressão significativa, pois também pode ser entendido como um modo de comunicação em que a criança expressa os aspectos mais íntimos de sua personalidade e sua tentativa de interagir com o mundo adulto.

Pelo jogo as crianças exploram os objetos que as cercam, melhoram sua agilidade física, experimentam seus sentidos, e desenvolvem seu pensamento. Algumas vezes o realizarão sozinhos, em outras, na companhia de outras crianças, desenvolvendo também o comportamento em grupo. Podemos dizer que aprendem a conhecer a si próprios, ao mundo que os rodeia e aos demais.

O jogo da criança não é equivalente ao jogo para o adulto, pois deixa de ser um momento de naturalidade e expressividade, uma vez que o adulto que joga afasta-se da realidade, enquanto a criança ao brincar/jogar avança para

novas etapas de domínio do mundo que a cerca. Também a auto-estima, uma das condições do desenvolvimento normal, tem sua gênese na infância em processos de interação social – na família ou na escola – que são amplamente proporcionados pelo brincar. O presente trabalho aborda aspectos referentes à utilização adequada do jogo nas aulas de Educação Física para alunos da educação infantil, como uma necessidade dentro do processo educativo.

Partindo do princípio de que jogar é uma atividade básica da criança e que essa atividade faz parte do seu dia-a-dia, pode-se entender o jogo como instrumento do seu desenvolvimento global. O jogo é um dos conteúdos que a Educação Física pode explorar visando a construção de um conhecimento de qualidade na esfera da cultura corporal e esportiva, objetivando formar sujeitos críticos-reflexivos.

É importante ressaltar que o docente envolvido na utilização do jogo como meio de intervenção para a construção do saber, precisa superar a visão reducionista do jogo, que prioriza a competitividade e reduz os objetivos desse ensino ao campo esportivo. Entendendo que o jogo é um elemento essencial para o desenvolvimento global da criança e não um mero instrumento para recrear as crianças durante a aula de Educação Física, e ao ver através da experiência profissional, crianças que fazem parte da educação infantil serem vítimas das formas codificadas e atitudes autoritárias nas aulas, é que justifica a realização deste trabalho com a intenção de verificar a compreensão e a importância do jogo no contexto da Educação Física e do desenvolvimento Psicomotor.

II REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA RELAÇÃO COM A PSICOMOTRICIDADE

A educação física, como ação psicomotora e por meio da educação psicomotora, incentiva a prática do movimento em todo o transcurso de existência do ser humano. Tal concepção fundamenta-se nos conceitos da educação permanente, como uma nova forma de evento educativo que atualmente tende a revolucionar os sistemas educacionais de todo o mundo. Ela diversifica-se em função das relações sociais, das idéias morais, das capacidades e da maneira de ser de cada um, além de seus valores; educa o movimento, ao mesmo tempo em que põe em jogo as funções da inteligência. A partir dessa posição, pode-se ver a relação intrínseca das funções motoras cognitivas e que, também pela afetividade, encaminha o movimento.

Historicamente, a educação física tem priorizado e enfatizado a dimensão biofisiológica. Entretanto, a partir da metade do século entra em cena a psicomotricidade, de forma muito atuante e com uma visão de ciência e técnica. Novas questões, advindas da percepção da complexidade das ações humanas, têm sido trazidas por esse outro campo científico. Passa-se a observar a educação física a partir de uma visão mais ampla, em que o homem, cada vez mais, deixa de ser percebido como um ser essencialmente biológico para ser concebido segundo uma visão mais abrangente, na qual se considera o processo social, histórico e cultural.

Os temas sobre a psicomotricidade eram abordados excepcionalmente em pesquisas teóricas fixadas no desenvolvimento motor da criança. Com o tempo, as pesquisas passaram a abranger a relação entre o atraso no desenvolvimento motor e o intelecto da criança. Seguiram-se outros estudos sobre o desenvolvimento da habilidade manual e da aptidão motora em função da idade. Nos dias atuais, os estudos ultrapassam os problemas motores. Pesquisam-se as ligações com estruturação espacial, orientação temporal, lateralidade, dificuldades escolares enfrentadas por crianças com inteligência normal.

O ser humano é um complexo de emoções e ações, propiciadas por meio do contato corporal nas atividades psicomotoras, que também favorecem o desenvolvimento afetivo entre as pessoas, o contato físico, as emoções e ações. A psicomotricidade contribui de maneira expressiva para a formação e estruturação do esquema corporal, o que facilitará a orientação espacial. A educação física e sua relação com a psicomotricidade estão baseadas nas necessidades das crianças. Com a educação psicomotora, a educação física passa a ter como objetivo principal incentivar a prática do movimento em todas as etapas da vida de uma criança.

2.2 O QUE É PSICOMOTRICIDADE

A psicomotricidade, nos seus primórdios, compreendia o corpo nos seus aspectos neurofisiológicos, anatômicos e locomotores, coordenando-se e sincronizando-se no espaço e no tempo, para emitir e receber significados. Hoje, a psicomotricidade é o relacionar-se através da ação, como um meio de tomada

de consciência que une o ser corpo, o ser mente, o ser espírito, o ser natureza e o ser sociedade. A psicomotricidade está associada à afetividade e à personalidade, porque o indivíduo utiliza seu corpo para demonstrar o que sente, e uma pessoa com problemas motores passa a apresentar problemas de expressão. A psicomotricidade conquistou, assim, uma expressão significativa, já que se traduz em solidariedade profunda e original entre o pensamento e a atividade motora. Vitor da Fonseca (1988) comenta que a psicomotricidade é atualmente concebida como a integração superior da motricidade, produto de uma relação inteligível entre a criança e o meio. É um instrumento privilegiado através do qual a consciência se forma e se materializa.

2.3 CONCEITOS DE PSICOMOTRICIDADE

Diversos autores apresentaram conceitos relacionados à psicomotricidade. Para Vayer (1986), a educação psicomotora é uma ação pedagógica e psicológica que utiliza os meios da educação física com o fim de normalizar ou melhorar o comportamento da criança.

Segundo Coste (1978), é a ciência encruzilhada, onde se cruzam e se encontram múltiplos pontos de vista biológicos, psicológicos, psicanalíticos, sociológicos e lingüísticos.

Para Ajuriaguerra (1970), é a ciência do pensamento através do corpo preciso, econômico e harmonioso.

Barreto (2000) afirma que é a integração do indivíduo, utilizando, para isso, o movimento e levando em consideração os aspectos relacionais ou afetivos,

cognitivos e motrizes. É a educação pelo movimento consciente, visando melhorar a eficiência e diminuir o gasto energético.

E para a Sociedade Brasileira de Psicomotricidade (1.999), é a ciência que estuda o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo e das suas possibilidades de perceber, atuar e agir com o outro, com os objetos e consigo mesmo. Está relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas. Psicomotricidade, portanto, é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito, cuja a ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização.

2.4 EDUCAÇÃO DO MOVIMENTO

Mesmo em meio a tantos conceitos, pode-se dizer que existe uma coerência na ciência. No momento em que a psicomotricidade educa o movimento, ela ao mesmo tempo coloca em jogo as funções da inteligência. A partir dessa posição, observa-se a relação profunda das funções motoras cognitivas e que, também pela afetividade, encaminha o movimento. FONSECA (1988) comenta que "O movimento humano é construído em função de um objetivo. A partir de uma intenção como expressividade íntima, o movimento transforma-se em comportamento significativo". O movimento humano é a parte mais ampla e significativa do comportamento do ser humano. É obtido através de três fatores básicos: os músculos, a emoção e os nervos, formados por um sistema de sinalizações que lhes permitem atuar de forma coordenada. O cérebro

e a medula espinhal enviam aos músculos pelos seus mecanismos cerebrais ordens para o controle da contínua atividade de movimento com específica finalidade e dentro das condições ambientais. Essas ordens sofrem as influências do meio e do estado emocional do ser humano (BARROS; NEDIALCOVA, 1999).

A unidade básica do movimento, que abrange a capacidade de equilíbrio e assegura as posições estáticas, são as estruturas psicomotoras. As estruturas psicomotoras definidas como básicas são: locomoção, manipulação e tônus corporal, que interagem com a organização espaço-temporal, as coordenações finas e amplas, coordenação óculo-segmentar, o equilíbrio, a lateralidade, o ritmo e o relaxamento. Elas são traduzidas pelos esquemas posturais e de movimentos, como: andar, correr, saltar, lançar, rolar, rastejar, engatinhar, trepar e outras consideradas superiores, como estender, elevar, abaixar, flexionar, rolar, oscilar, suspender, inclinar, e outros movimentos que se relacionam com os movimentos da cabeça, pescoço, mãos e pés.

Esses movimentos são conhecidos na educação física como movimentos naturais e espontâneos da criança. Baseiam-se nos diversos estágios do desenvolvimento psicomotor, assumindo características qualitativas e quantitativas diversas (BARROS, 1972).

O movimento refere-se, geralmente, ao deslocamento do corpo como um todo ou dos membros, produzido como uma consequência do padrão espacial e temporal da contração muscular. Movimento é o deslocamento de qualquer objeto e na psicomotricidade o importante não é o movimento do corpo como o de qualquer outro objeto, mas a ação corporal em si, a unidade biopsicomotora em ação.

Os movimentos podem ser involuntários ou voluntários. Movimentos involuntários são atos reflexos, comandados pela substância cinzenta da medula, antes de os impulsos nervosos chegarem ao cérebro. Os movimentos involuntários são os elementares inatos e adquiridos. Os inatos são aqueles com os quais nascemos e são representados pelos reflexos, que são respostas caracterizadas pela invariabilidade qualitativa de sua produção e execução.

Movimentos e expressões involuntárias, muitas vezes, estão presentes em determinadas ações sem que o executante os perceba. Esses movimentos são desencadeados e manifestados pelo corpo no momento em que realiza determinados atos voluntários.

Os automatismos adquiridos são os reflexos condicionados, que ocorrem devido à aprendizagem e que formam os hábitos, os quais, quando bons, poupam tempo e esforço, porém, se exagerados, eliminam a criatividade. Os hábitos podem ser passivos (adaptação biológica ao seu ecossistema) ou ativos (comer, andar, tocar instrumentos). Os reflexos condicionados são produzidos desde as primeiras semanas de vida. Esses reflexos condicionados geralmente começam como atividade voluntária e, depois de aprendidos, são mecanizados.

Para a execução do ato voluntário exige-se um certo grau de consciência e de reflexão sobre finalidades, entretanto, a maior parte dos atos executados na vida diária é relativamente automática.

Para a atividade voluntária cotidiana, faz parte uma série de reflexos automáticos e instintivos os quais, na prática, não podem ser bem diferenciados.

A freqüente repetição de atitudes voluntárias acaba por transformar-se em atos automáticos.

2.5 PSICOMOTRICIDADE E AFETIVIDADE

Associada à psicomotricidade, está a afetividade. A criança utiliza seu corpo para demonstrar o que sente. Desde o nascimento, a criança passa por diferentes fases nas quais adquire conhecimentos e passa por diversas experiências até então chegar a sua vida adulta. As primeiras reações afetivas da criança envolvem a satisfação de suas necessidades e o equilíbrio fisiológico.

Segundo Lapierre e Aucouturier (1984), “Durante o seu desenvolvimento, aparecem os fantasmas corporais que limitam suas expressões devido à falta de contato corporal dos pais com os filhos. A afetividade é indispensável para o desenvolvimento da criança e ao equilíbrio psicossomático”. Como esse contato corporal tende a diminuir com o passar do tempo, cria-se um grande problema para o desenvolvimento da criança.

É recomendado aos pais que mantenham o contato corporal através do toque durante toda a vida da criança (CHICON, 1999), pois isso certamente levará a uma evolução psicomotora e cognitiva da criança. É necessário que toda criança passe por todas as etapas em seu desenvolvimento.

Henri Wallon (1979) diz que o movimento humano surge das emoções, que a criança é pura emoção durante uma longa fase de sua vida. A afetividade compreende o estado de ânimo ou humor, os sentimentos, as emoções, as paixões, e reflete sempre a capacidade de experimentar sentimentos e emoções. É ela quem determina a atitude geral da pessoa diante de qualquer experiência

vivencial, percebe os fatos de maneira agradável ou sofrível, confere uma disposição indiferente ou entusiasmada e determina sentimentos que oscilam entre dois pólos, a depressão e a euforia. O modo de relação do indivíduo com a vida se dá através da tonalidade de ânimo em que a pessoa perceberá o mundo e a realidade. Direta ou indiretamente, a afetividade exerce profunda influência sobre o pensamento e sobre toda a conduta do indivíduo.

2.6 A EDUCAÇÃO FÍSICA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO PSICOMOTORA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA EM IDADE ESCOLAR

O trabalho da educação psicomotora com as crianças deve prever a formação de base indispensável em seu desenvolvimento motor, afetivo e psicológico, dando oportunidade para que, por meio de jogos, de atividades lúdicas, se conscientize sobre seu corpo. Através da educação física, a criança desenvolve suas aptidões perceptivas como meio de ajustamento do comportamento psicomotor. Para que a criança desenvolva o controle mental de sua expressão motora, a educação física deverá realizar atividades considerando seus níveis de maturação biológica.

A educação física, na sua parte recreativa, proporciona a aprendizagem das crianças em várias atividades esportivas que ajudam na conservação da saúde física, mental e no equilíbrio socioafetivo.

Segundo Barreto (2000), “O desenvolvimento psicomotor é de suma importância na prevenção de problemas da aprendizagem e na reeducação do tônus, da postura, da direcional idade, da lateralidade e do ritmo”. A educação da

criança deve evidenciar a relação através do movimento de seu próprio corpo, levando em consideração sua idade, a cultura corporal e os seus interesses.

Essa abordagem constitui o interesse da educação psicomotora. A educação psicomotora para ser trabalhada necessita que sejam utilizadas as funções motoras, cognitivas, perceptivas, afetivas e sociomotoras.

A educação física pode ser definida como ação psicomotora exercida pela cultura sobre a natureza e o comportamento do ser humano. Ela diversifica-se em função das relações sociais, das idéias morais, das capacidades e da maneira de ser de cada um, além de seus valores. É um fenômeno cultural que consiste em ações psicomotoras exercidas sobre o ser humano de maneira a favorecer determinados comportamentos, permitindo, assim, as transformações. A diversificação das condições sociais em cada nível escolar e o respeito à individualidade das crianças em cada processo de aprendizagem de gestos e movimentos estão sujeitos ao ritmo de aprendizagem e às peculiaridades das relações sociais que existem entre os integrantes de cada grupo ou classe escolar.

As bases das formas de aprendizagem das atividades físicas de forma consciente, intencional e sensível são estabelecidas e solidificadas na educação física. Essas atividades acompanham o ser humano de maneira contínua, atuando, sobretudo, nos níveis psicomotor, afetivo e no aprimoramento do rendimento nos estágios de desenvolvimento subseqüentes. A educação física escolar está baseada nas necessidades da criança. Tem como objetivo principal, por meio da educação psicomotora, incentivar a prática do movimento em todas as etapas de sua vida. Falar da importância da educação física para a criança é o

mesmo que falar da importância de ela se alimentar, dormir, brincar, ou seja, suprir todas as suas necessidades básicas. O desenvolvimento global da criança se dá através do movimento, da ação, da experiência e da criatividade, levando-a a conseguir plena consciência de si mesma; da sua realidade corporal que sente, pensa, movimenta-se no espaço, encontra-se com os objetos e gradativamente distingue suas formas; e que se conscientiza das relações de si mesma com o espaço e o tempo, interiorizando, assim, a realidade.

A educação psicomotora na pré-escola e séries iniciais do ensino fundamental atua como prevenção. Com ela podem ser evitados vários problemas como a má concentração, confusão no reconhecimento de palavras, confusão com letras e sílabas e outras dificuldades relacionadas à alfabetização. Uma criança cujo esquema corporal é mal formado não coordena bem os movimentos.

Suas habilidades manuais tornam-se limitadas, o ato de vestir-se e despir-se tornam-se difícil, a leitura perde a harmonia, o gesto vem após a palavra e o ritmo de leitura não é mantido ou, então, é paralisado no meio de uma palavra. As noções de esquema corporal – tempo, espaço, ritmo – devem partir de situações concretas, nas quais a criança possa formar um esquema mental que anteceda à aprendizagem de leitura, do ritmo, dos cálculos. Se sua lateralidade não está bem definida, ela encontra problemas de ordem espacial, não percebe diferença entre seu lado dominante e o outro lado, não é capaz de seguir uma direção gráfica, ou seja, iniciar a leitura pela esquerda. Muitos fracassos em matemática, por exemplo, são produzidos pela má organização espacial ou temporal. Para efetuar cálculos, a criança necessita ter pontos de referência, colocar números

corretamente, possuir noção de coluna e fileira, combinar formas para fazer construções geométricas.

Segundo Staes e De Meur (1984), o intelecto se constrói a partir da atividade física. As funções motoras (movimento) não podem ser separadas do desenvolvimento intelectual (memória, atenção, raciocínio) nem da afetividade (emoções e sentimentos). Para que o ato de ler e escrever se processe adequadamente, é indispensável o domínio de habilidades a ele relacionado, considerando que essas habilidades são fundamentais manifestações psicomotoras.

Educação psicomotora é a educação da criança através de seu próprio corpo e de seu movimento. A criança é vista em sua totalidade e nas possibilidades que apresenta em relação ao seu meio-ambiente.

Assim, a educação física e a psicomotricidade completam-se, pois a criança ao praticar qualquer atividade usa o seu todo; mesmo sendo regida, predominantemente, pelo intelecto. A educação psicomotora atinge a criança na sua totalidade. Staes e De Meur (1984) comentam que no início da escolaridade aparecem as dificuldades escolares de muitas crianças. O problema não está no nível de classe em que elas se encontram, mas no nível da base. A estrutura da educação psicomotora centra-se no nível da base, onde estão os elementos básicos ou pré-requisitos que são as condições mínimas para uma boa aprendizagem.

Através da educação psicomotora, a criança explora o ambiente, passa por experiências concretas, indispensáveis ao seu desenvolvimento intelectual, e é

capaz de tomar consciência de si mesma e do mundo que a cerca. A importância da educação física para alunos de pré-escola até a quarta série do ensino fundamental levou Le Boulch (1987) a justificar a introdução da educação psicomotora no ensino fundamental.

Nos casos em que as perturbações do relacionamento fundamental entre o eu e o mundo são evidentes, a reeducação psicomotora às vezes permite obter resultados espetaculares. O que é bem-sucedido com os deficientes poderia se impor também às pessoas normais durante o período de estruturação do seu esquema corporal: a psicocinética, que toma o aspecto de uma educação psicomotora, quando se aplica a crianças menores de doze anos pode ser considerada como uma forma eletiva de educação física nesta idade.

Relacionar-se com o outro na escola, através do ensino, é fundamental. Esse relacionamento deve ser bem proporcionado para que haja uma relação entre professor-aluno, aluno-aluno e aluno-professor. Nesse aspecto as atividades psicomotoras propiciam para a criança uma vivência com espontaneidade das experiências corporais, criando uma simbiose afetiva entre professor-aluno, aluno-aluno e aluno-professor, afastando os tabus e preconceitos que influenciam negativamente as relações interpessoais. O desenvolvimento psicomotor caracteriza-se por uma maturação que integra o movimento, o ritmo, a construção espacial; e, também, o reconhecimento dos objetos, das posições, da imagem e do esquema corporal. As atividades propostas na educação física através da educação psicomotora devem ocorrer com espontaneidade, pois quando se desenvolvem essas atividades com as crianças nota-se uma grande

receptividade por parte delas, visto que ainda não adquiriram tonalidades preconceituosas.

As atividades que envolvem o toque de uma criança com a outra devem ser elaboradas e pensadas, pois não é tão simples executá-las, até porque muitos educadores têm dificuldades de tocar alguém ou deixar-se tocar. Bons exemplos de atividades físicas são aquelas de caráter recreativo, que favorecem a consolidação de hábitos higiênicos, o desenvolvimento corporal e mental, a melhoria da aptidão física, a sociabilização, a criatividade; tudo isso visando à formação da sua personalidade.

Diante desses aspectos, entende-se que a educação física é imprescindível principalmente no ensino pré-escolar e no ensino fundamental, uma vez que nessa fase a criança começa a sistematizar os seus conhecimentos, e a educação física, com suas atividades diferenciadas, diminui dificuldades, diferenças de ritmo de aprendizagem.

A educação física e a psicomotricidade são metodologias contextualizadas, perceptivas, em que o desenvolvimento dos aspectos motor, social, emocional e lúdico da personalidade e a destreza dos movimentos corporais são vivenciados, através de atividades motoras organizadas e seqüenciais, desenvolvidas individualmente e em grupo. Pode-se afirmar, então, que a educação física, através de atividades afetivas, psicomotoras e sociopsicomotoras, constitui-se num fator de equilíbrio na vida das pessoas, expresso na interação entre o espírito e o corpo, a afetividade e a energia, o indivíduo e o grupo, promovendo a totalidade do ser humano. Possui também um impacto positivo no pensamento, no conhecimento e ação, nos domínios cognitivos, na vida de crianças e jovens. E

crianças e jovens fisicamente educados vão para uma vida ativa, saudável e produtiva, criando uma integração segura e adequado desenvolvimento de corpo, mente e espírito. Assim, a educação física, pelas suas possibilidades de desenvolver a dimensão psicomotora das pessoas, principalmente em crianças e adolescentes, conjuntamente com os domínios cognitivos e sociais, é de grande importância no ensino pré-escolar e fundamental.

2.7 AS FINALIDADES E OS OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

No mundo atual observa-se a presença de uma realidade estimuladora da competitividade entre os homens e, infelizmente, a educação física também se enquadra neste contexto visto que hoje em dia parece assumir um caráter de treinamento ou adestramento do movimento corporal (Santin, 1994). Na escola o ambiente não é diferente e por este motivo as aulas de educação física se transformaram em verdadeiros treinamentos desportivos que visam colocar os alunos como “ máquinas de rendimento” as quais tem por fim atingir a capacidade de obtenção dos melhores resultados nas competições inter-escolares.

Perante esta situação descrita, surge seguinte o problema: será que é possível alterar a realidade da educação física escolar de modo a colocá-la novamente no seu eixo educativo em detrimento de seu caráter adestrador observado na atualidade?

Ao contrário do que muitos pensam a educação física escolar não deve ser totalmente dissociada do esporte, já que um de seus objetivos consiste em promover a socialização e interação entre seus alunos, o que há de se

reconhecer que o esporte proporciona. O grande questionamento que se faz a respeito do esporte na escola é que ele muitas vezes transfere para o aluno uma carga de responsabilidade muito alta quanto à obtenção de resultados, o que afeta a criança psicologicamente de uma forma negativa (Barros Neto,1997). Desta maneira, as atividades recreativas e rítmicas poderiam ser consideradas como meios mais eficazes para promover esta socialização dos alunos que a educação física escolar tanto apregoa, uma vez que normalmente são realizadas em grupos os quais obedecem ao princípio da cooperação entre seus componentes, estimulando assim a criança em sua apreciação do comportamento social, domínio de si mesmo, autocontrole e respeito ao próximo.

Outro objetivo da educação física escolar consiste no estímulo a atividade criativa do aluno. Segundo Le Boulch (apud Barros e Barros, 1972) as crianças que estão na faixa etária entre 2 e 7 anos devem ser estimuladas ao máximo em sua capacidade de criação e por isso as aulas de educação física na escola devem basear-se no atendimento aos diversos aspectos naturais da vida ao ar livre e na liberdade de movimentos, ou seja, expansão de atividades espontâneas e criativas. Assim, por exemplo, para fazer com que a criança desperte mais sua capacidade de imaginação o professor pode oferecer uma aula através de atividades rítmicas na qual peça a seus alunos para se movimentarem livremente de acordo com o som que estão ouvindo, ao invés de determinar quais movimentos cada aluno deve fazer a uma ordem sua. Também neste período entre 2 e 7 anos ocorre um fato muito importante para o estímulo à criação nas crianças, uma vez que é neste espaço de tempo que elas aprendem a ler e assim descobrir um novo mundo, repleto de atrações e de novas situações que

contribuem para aumentar-lhes o poder imaginativo concorrendo, assim, para o desenvolvimento de sua capacidade criativa. Ainda neste contexto, é possível observar a importância existente no fato de o professor proporcionar aos alunos movimentos portadores de um sentido para os mesmos, uma vez que movimentos mecânicos realizados abstratamente só contribuem para a inibição da criação e da participação dos alunos em aula e, por conseqüência, os torna indivíduos que deixam de interpretar o mundo por si próprios e passam a representa-lo pela visão dos outros.

Mais um objetivo da educação física escolar consiste no desenvolvimento orgânico e funcional da criança, procurando, através de atividades físicas, melhorar os fatores de coordenação e execução de movimentos. Para atingir este objetivo, Barros e Barros (1972) nos fala que:

(...) “as atividades de correr, saltar, arremessar (atletismo ligeiro), trepar, pendurar-se, equilibrar-se, levantar e transportar, puxar, empurrar, saltitar, girar, saltar corda permitem a descarga da agressividade, estimulam a auto-expressão, concorrem para a manutenção da saúde, favorecem o crescimento, previnem e corrigem os defeitos de atitude (boa postura)”(...)(p. 16)

Assim, fica claro a importância que o professor tem em proporcionar aos alunos atividades cuja caracterização permitam aos mesmos uma movimentação constante e de exploração máxima do ambiente. É evidente que estas atividades devem ser adequadas ao estado de desenvolvimento de cada criança para assim fazer com que os movimentos sejam próprios ao seu grau de desenvolvimento morfofisiológico, o que contribui de maneira significativa para o avanço orgânico e funcional dos alunos em cada etapa de sua vida escolar.

Por último destaca-se um objetivo da educação física escolar o qual consiste em desenvolver a aprendizagem de gestos e movimentos fundamentais das diferentes formas de atividades físicas e desportivas. Em torno deste tópico é que se situa a grande discussão que se faz a respeito da educação física na atualidade, uma vez que muitos o vêem como um estímulo ao simples desenvolvimento físico através de gestos e movimentos padronizados, tirando assim o caráter educacional pertencente a educação física que visa atuar sobre a formação do caráter humano e contribuir para um maior rendimento do trabalho intelectual. Sobre isto, De Marco (1995) nos mostra a educação física como sendo:

(...)“um espaço educativo privilegiado para promover as relações interpessoais, a auto-estima e a auto-confiança, valorizando-se aquilo que cada indivíduo é capaz de fazer em função de suas possibilidades e limitações pessoais” (...) (p.77)

Novamente o esporte será um fator prejudicial visto que em muitas vezes não respeita tais limitações pessoais em cada indivíduo e acaba por prejudicar o desenvolvimento orgânico e funcional do mesmo. Outro autor que se manifesta contra o ensino de gestos e movimentos padronizados é João Batista Freire (1992) a quem atribui à educação física um papel de ensino de movimentos respeitando as individualidades da criança, o estímulo à liberdade e à criatividade individual. Neste contexto o professor assume um “personagem” o qual deve aplicar as atividades físicas por meio de exercícios de fácil execução, com graduação para cada idade e tendo em conta a evolução física e psíquica do aluno, dando-lhe liberdade para movimentar-se espontaneamente e da forma que desejar. Estes movimentos de caráter mais subjetivo e espontâneo caracterizam o

que Kunz (1994) denomina de “mundo fenomenológico dos movimentos” o qual, em sua opinião, afastaria de vez uma provável limitação existente na “educação física mecanizada” e desta forma o proveito pedagógico que poderia se tirar do processo ensino-aprendizagem seria bem maior.

2.8 O MOVIMENTO E O JOGO.

Toda postura em relação à aprendizagem infantil vai depender do conhecimento acerca do movimento do homem na história, não se podendo perder de vista o desenvolvimento humano (seu processo de auto e sócio-realização) historicamente contextualizado. Para compreender a educação pelo corpo em movimento, é necessário uma visão geral das características do processo de desenvolvimento infantil. Entender esse processo significa entender a amplitude das estruturas de natureza motora, cognitiva, social e afetiva, inter-relacionando o movimento corporal aos jogos e brinquedos das crianças.

O ato motor faz parte do movimento que começa a existir na vida fetal e, originado do mais profundo do ser, vai se propagar no espaço exterior através do ato voluntário, logo nos primeiros meses de vida da criança. Com ele, tem origem o jogo, ou seja, investimento na ação. Então, "pegar" não é mais receber, é a primeira manifestação de um ser que se afirma como sujeito. Já é a escolha, o nascimento de um pensamento consciente, não formulado, mas expresso no ato. É a descoberta de um poder sobre os objetos, sobre o mundo, sobre o outro. É o prazer de viver o seu corpo que é essencialmente prazer do movimento em si mesmo, sem outra finalidade. É a aprendizagem progressiva de "domínio do

corpo" através do jogo corporal, onde o movimento acompanha as diferentes organizações funcionais, um denominador comum a todas as formas de inteligência.

Wallon (1986) destaca essas formas de inteligência como: "a inteligência expressiva-direção social-próxima" explicitando que as funções de expressão precedem de longe às de realização. Assim segue situando a "inteligência prática-direção física-próxima". Nesta perspectiva diz "o efeito favorável desencadeia a repetição do gesto nocivo" (WALLON, 1986). Como se observa a inteligência prática que já trabalha com o ato motor e perspectivo já utiliza recursos da representação, mas igualmente já processa a confecção, para a instalação da inteligência teórica. Esta última inteligência pontuada por Wallon não aparece estanque mas é fruto da transição da inteligência prática para a teórica sendo esta uma conquista intelectual importante do ser humano. Nesta etapa, volta-se à atividade intelectual abstrata, que supera o movimento motor, interage com o meio pela representação, ou pelo ato mental simbólico e conceitual. Supera a ação motora pela ação mental.

A criança vive um intenso processo de desenvolvimento. Nela se expressa a própria natureza e, a cada instante, surge uma nova função. Ao entrarem em ação, essas funções impelem a criança a buscar o tipo de atividade que lhe permita manifestar-se de forma mais completa. A primeira atividade é brincar e é através desse brincar, que ela desperta para o mundo, sendo o começo de uma série de outras atividades que se desencadeiam à medida que se tornam ação, levando-a a descobrir novas formas de aprendizagem, numa dialética permanente entre o eu e o mundo. O movimento para a criança é a sua realidade imediata e

espontânea pela forma como experimenta as coisas e lhes dá vida própria. O domínio do corpo e a conquista sensorial e intelectual do espaço estabelece-se a partir do momento em que são facilitadas as oportunidades de iniciativa através de múltiplas experiências de movimento nos diversos locais em que se encontra. Esta possibilidade de a criança poder perceber programar e realizar ações, favorecem a aquisição de aprendizagens básicas, importantes para o seu desenvolvimento corporal e para a sua adaptabilidade social.

Os jogos podem contribuir significativamente para o processo de construção do conhecimento da criança como mediadores das aprendizagens significativas. Vários estudos a esse respeito vêm comprovar que o jogo, além de ser uma fonte de prazer e descoberta para a criança, é a tradução do contexto sócio-cultural-histórico refletido na cultura (experiências). Nesta perspectiva, ele tem muito a contribuir com as atividades didático-pedagógicas durante o desenvolvimento de qualquer aula. Porém, a contribuição do jogo para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, vai depender da concepção que se tem de jogo, de criança, de aprendizagem e desenvolvimento. Winnicott (1975), Vygotski (1988), Piaget (1995), Wallon (1979) e outros estudiosos procuraram interpretar e classificar o jogo, assumindo várias posições a respeito de sua importância e significado no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança. Winnicott (1975), psicanalista inglês, estudioso do crescimento e desenvolvimento infantil, considera que: "o ato de brincar é mais que a simples satisfação de desejos. O brincar é o fazer em si, um fazer que requer tempo e espaço próprios; um fazer que se constitui de experiências culturais, que é universal e próprio da saúde, porque facilita o crescimento, conduz aos

relacionamentos grupais, podendo ser uma forma de comunicação consigo mesmo (a criança) e com os outros." Ao analisar esta concepção, pode-se dizer que no ato de brincar, tanto o adulto quanto a criança estão plenamente libertos para a criação. E é através da criatividade, que o indivíduo torna-se pleno e sincronizado com a vida, dando valor a esta, percebendo suas potencialidades, além da importância das trocas interindividuais.

A palavra jogo pode, pois, ter uma gama de sentidos como divertimento, distração, passatempo etc. Também Vygotski (1988), ao enfatizar o jogo, atribui relevante papel ao ato de brincar na constituição do pensamento infantil. Explicita que: "A criança, através da brincadeira, reproduz o discurso externo e o internaliza, construindo seu próprio pensamento. A linguagem, segundo Vygotski, tem importante papel no desenvolvimento cognitivo da criança à medida em que sistematiza suas experiências e ainda colabora na organização dos processos em andamento." A ludicidade e a aprendizagem não podem ser consideradas como ações com objetivos distintos. O jogo e a brincadeira são, por si só uma situação de aprendizagem. As regras e a imaginação favorecem à criança comportamentos além dos habituais. Nos jogos ou brincadeiras a criança age como se fosse maior do que a realidade, e isto, inegavelmente, contribui de forma intensa e especial para o seu desenvolvimento.

Wallon (1979), psicólogo francês, destaca que o jogo se confunde muito com toda atividade global da criança, ainda que este seja espontâneo e não receba seus objetivos das disciplinas educativas. Diz que os jogos das crianças, estão divididos em: puramente funcionais; de ficção; de aquisição, e de fabricação. Os jogos puramente funcionais relacionam-se a uma atividade que

busca efeitos: mover os dedos, tocar objetos, produzir ruídos e sons, dobrar os braços ou as pernas. São jogos elementares. Os jogos de ficção consistem em atividades cuja interpretação é mais ampla, mas também mais próxima a certas definições mais diferenciadas: o jogo de bonecas, de cavalo de pau etc. Os jogos de aquisição se relacionam com a capacidade de olhar, escutar e realizar esforços para perceber e compreender: perceber e compreender relatos, canções, coisas e seres, imagens etc. Os jogos de fabricação se resumem em agrupar objetos, combiná-los, modificá-los, transformá-los e criar outros novos. Para Wallon (1979) a compreensão infantil é tão-somente uma simulação que vai do outro a si mesmo e de si mesmo ao outro. A imitação como instrumento dessa fusão representa uma ambivalência que explica certos contrastes nos quais o jogo encontra alimento.

Ainda na concepção de jogo, Piaget descreve quatro estruturas básicas de jogos infantis, que vão se sucedendo e se sobrepondo. Destaca em síntese que o jogo é uma forma de atividade particularmente poderosa para estimular a vida social e a atividade construtiva da criança. Sendo assim, apresenta uma classificação que segue a presente ordem: Jogo de exercício: simples prazer funcional, ou pelo prazer produzido pela tomada de consciência de suas novas capacidades; Jogo simbólico: representação de um objeto ausente ou de simulação funcional. O interesse está centrado nas realidades simbolizadas, e o símbolo serve simplesmente para evocá-las; Jogo de construção: dos quatro aos sete anos as crianças fazem reproduções exatas, e seus símbolos se tornam cada vez mais imitativos; por esse motivo, o jogo simbólico se integra ao exercício sensório- motor ou intelectual e se transforma, em parte, em jogo de construção;

Jogo de regras: combinações sensório-motoras ou intelectuais de competência dos indivíduos e reguladas por um código transmitido de geração em geração, ou por acordos improvisados. A importância do jogo de regras surge quando aprende-se a lidar com a delimitação, no espaço, no tempo, no tipo de movimento válido, na utilização dos objetos e do corpo. É o que pode e o que não pode, é o que garante uma certa regularidade e, portanto, organiza a ação (torna a ação orgânica). Piaget (1995) vê no jogo um processo de ajuda ao desenvolvimento da criança; acompanha-a, sendo, ao mesmo tempo, uma atividade conseqüente de seu próprio crescimento. A partir do exposto acima, pode-se inferir que a criança aprende com seu corpo em movimento e, melhor ainda, no espaço da liberdade, criatividade e ludicidade.

Portanto, é necessário que qualquer professor de séries iniciais, tenha essa idéia geral de como a criança se desenvolve, pois "a criança tem um corpo e está no seu corpo, e é um ser que construirá seu processo cultural pelo seu próprio corpo em movimento" (SANTOS, 1998). Portanto, deixar viver a criança simplesmente como um ser humano e, de outra forma, estabelecer com ela uma relação de pessoa a pessoa, são duas maneiras radicalmente diferentes de olhar, pois o homem é o movimento de sua própria história numa dialética permanente entre o eu e o mundo.

2.9 A IMPORTÂNCIA DO JOGO PARA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Criança, escola e jogo são palavras que apresentam uma certa complexidade principalmente quando se tenta estabelecer relações entre elas. Isto se justifica pelo fato de que, quando se fala em educação e escola, parece não haver espaço para a criança, para sua vivência cotidiana, visto que tanto a

escola quanto a educação em si parecem carregadas de objetivos educacionais de forma tão arraigados, sobrando pouco espaço para outras abordagens consideradas de menor importância como “o jogo”.

Para Marcelino (1990) “a escola deve ser o espaço primeiro onde deve ocorrer o começo da ação política da criança, buscada dentro da sua própria cultura, daí não se justificarem as práticas pedagógicas que valorizam apenas o pedagogismo dos livros didáticos e se esquecem do capital cultural da criança”.

O que a escola não pode esquecer-se é que a criança tem sua própria cultura, e que sua vida é caracterizada pelos grupos que a rodeiam e pelas brincadeiras que realiza com esses grupos. Antes de qualquer coisa, ela é um ser humano dotado de inteligência, criatividade e emoção que está aprendendo o mundo e tentando desvendá-lo através de seus sonhos e fantasias. É um ser que brinca, joga, sofre, deseja e frustra-se. Para Perrotti, (1990) diz que criança longe de ser apenas um organismo em movimento, como de resto qualquer categoria etária, a criança é também alguém profundamente enraizada em um tempo e um espaço, alguém que interage com outras categorias, que influencia o meio onde vive e é influenciado por ele.

Jogando a criança tem uma diversidade de oportunidades de desenvolver-se. Ela experimenta, descobre, inventa, aprende e confere habilidades. Além disso, o jogo estimula a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia, ajuda no desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção. O jogo é importante para a saúde física, emocional e intelectual da criança. Ele contribui não somente no momento em que é vivenciado, mas sobretudo no

futuro, auxiliando no desenvolvimento motor e proporcionando equilíbrio psíquico. Enfim, jogar é um momento de auto-expressão e de auto-realização.

O jogo oportuniza vivências diferenciadas à criança. Por exemplo, as atividades com blocos e peças de encaixe, as dramatizações, a música utilizada e as construções, desenvolvem a criatividade da criança, pois exige que a fantasia do participante entre em jogo. Já o brinquedo organizado, que tem uma proposta e requer desempenho, como os jogos de quebra-cabeça, dominó e outros, constitui desafios que promovem a motivação e facilitam nas escolhas e nas decisões a criança.

A capacidade de jogar possibilita às crianças um espaço para a resolução dos problemas que as rodeiam e/ ou que poderão vir a acontecer. Sendo assim, a criança que tem maior oportunidade de jogar terá maior facilidade na tomada de decisão. De acordo com Schiller (in CHATEAU,1987), “O homem só é completo quando brinca”. A conduta lúdica proporciona satisfação íntima tanto em adultos como em crianças. É pelo jogo que se pode abandonar, nem que seja por pouco tempo, o mundo das necessidades e das técnicas, um mundo que fecha e estreita a vida humana. O jogo permite a criação de utopias e de sonhos e a auto-realização.

O mesmo acontece com a criança. O jogo lhe dá a oportunidade de afastar-se das exigências dos adultos e a afasta dos contatos brutais das coisas inumanas. Para ela, quase toda atividade é jogo e é pelo jogo que ela adivinha e antecipa as condutas superiores. No entendimento da criança, o jogo é o trabalho, é o bem, o dever e o ideal da vida. É a única atmosfera na qual seu ser psicológico pode respirar e, conseqüentemente, pode agir. A criança é um ser que brinca/joga, e nada mais.

A criança imita a vida do adulto por meio do jogo, e com isso, aprende coisas para a sua vida futura. Não se pode imaginar a infância sem seus risos e

brincadeiras. Se elas parassem de brincar, o mundo ficaria mais silencioso, mas com muito menos graça, seria um mundo triste. sem inteligência e sem alma. Se a brincadeira ajuda no desenvolvimento da criança, uma criança que não sabe brincar é uma miniatura de velho e será um adulto que não aprendeu pensar.

De acordo com CHATEAU (1961):

a infância é, portanto, a aprendizagem necessária à idade adulta. Estudar na infância somente o crescimento, o desenvolvimento das funções, sem considerar o brincar, seria negligenciar esse impulso irresistível pelo qual a criança modela sua própria estátua. Não se pode dizer de uma criança “que ela cresce” apenas, seria preciso dizer “que ela se torna grande” pelo jogo. Pelo jogo ela desenvolve as possibilidades que emergem de sua estrutura particular, concretiza as potencialidades virtuais que afloram sucessivamente à superfície de seu ser, assimila-se e as desenvolve, une-as e as combina, coordena seu ser e lhe dá vigor.

E complementa (CHATEAU, 1987):

o jogo desenvolve assim as funções latentes, compreende-se que o ser mais bem-dotado é também aquele que joga mais. A planta contenta-se em crescer, seria vão procurar em todas as suas funções alguma coisa que se aproximasse do jogo animal. O animal inferior, micróbio, esponja, verme, absolutamente não brinca. A aparição da brincadeira nos animais superiores testemunha uma etapa capital nessa lenta ascensão das formas vivas em direção à forma evoluída que é o homem. Mas, nas formas animais superiores, o lugar tomado pelo período do jogo, pela infância, é também um sinal revelador da superioridade ou da inferioridade de uma espécie. A cobaia, cuja inteligência é muito limitada, comporta-se como adulto a partir de dois ou três dias de vida, enquanto que o rato branco, muito mais inteligente, tem uma infância de quatro semanas. Essa rapidez do desenvolvimento inicial, longe de ser favorável à inteligência, é, ao contrário, nociva. Com efeito, quanto mais longa a infância, maior o período de plasticidade durante o qual o animal brinca, joga, imita, experimenta, isto é, multiplica suas possibilidades de ação e enriquece com o fruto de sua experiência individual o riquíssimo capital que lhe foi transmitido como herança.

Pelo exposto, compreende-se que o jogo é prioridade na infância tanto para o desenvolvimento motor como para o cognitivo e afetivo. Ele é o centro da infância, e para que o professor possa aplicá-lo, é preciso atribuir-lhe um papel de pré-exercício. É preciso conhecer as características que envolvem a criança em

relação à faixa etária, ao crescimento, ao desenvolvimento, bem como as características culturais, para que o jogo venha se tornar um aliado do professor.

Winnicott (1975), considera que o ato de brincar é mais que a simples satisfação de desejos. “O brincar é o fazer em si, um fazer que requer tempo e espaço próprios; um fazer que se constitui de experiências culturais, que é universal e próprio da saúde, porque facilita o crescimento, conduz aos relacionamentos grupais, podendo ser uma forma de comunicação consigo mesmo (a criança) e com os outros”.

É dentro desse contexto que se considera a ludicidade e a aprendizagem como processos indistintos, pois o jogo se caracteriza como situação de aprendizagem. As regras e a imaginação favorecem o aparecimento de outros comportamentos que não os habituais. "Nos jogos ou brincadeiras a criança age como se fosse maior do que a realidade, e isto, inegavelmente, contribui de forma intensa e especial para o seu desenvolvimento" (RAAB, 1980).

III METODOLOGIA

Este estudo envolve dois momentos. O primeiro, segundo FAZENDA (1992) caracteriza-se como uma pesquisa descritiva. O segundo momento compreende a pesquisa de campo que segundo MARTINS & BICUDO (1994) caracteriza-se como pesquisa qualitativa.

3.1 Tipo de pesquisa

Foi realizada uma pesquisa descritiva, de cunho qualitativo.

3.2 Instrumentos de pesquisa

O instrumento utilizado para a realização da pesquisa foi questionário, em que os participantes tiveram de expor seus conhecimentos com naturalidade e segurança. O referencial adotado para a elaboração das perguntas norteadoras da pesquisa de campo foi o de MARTINS & BICUDO (1994), pois segundo eles é fundamental um entendimento sobre os procedimentos que envolvem uma entrevista, tanto no que se refere a elaboração da pergunta como o ambiente que será desenvolvida.

Após ser realizado o questionário para os professores de Educação Física, o tratamento das entrevistas será feito com a transcrição literal do depoimento de

cada docente e em seguida será adotado o método de análise qualitativa, reunindo todas as unidades de significado contidas nos depoimentos, em seguida será elaborada a matriz que reunirá por unidades de significado evidenciando as similaridades ou não dos discursos de todos os participantes.

3.3 Coleta de dados

As entrevistas foram realizadas em Colégios Particulares de Curitiba e que compreendem a educação infantil. Participaram da entrevista vinte professores de Educação Física que atuam nos Colégio Nossa Senhora de Medianeira, Organização Educacional Expoente Unidades Água Verde e Boa Vista, CIESC-Escola Imaculada Conceição, CIESC- Escola Santa Terezinha do Menino Jesus, CIESC-Colégio Sagrado Coração de Jesus, Colégio Integral.

É fundamental ressaltar que as respostas dos questionários foram anotadas na íntegra, e em seguida foram conferidas pelos entrevistados, deixando-os livres para caso optar por acrescentar ou suprimir qualquer dado. A justificativa para a adoção de tal recurso, baseia-se na garantia de que as informações repassadas pelos entrevistados mantenham-se fiéis aos seus pontos de vista.

IV APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

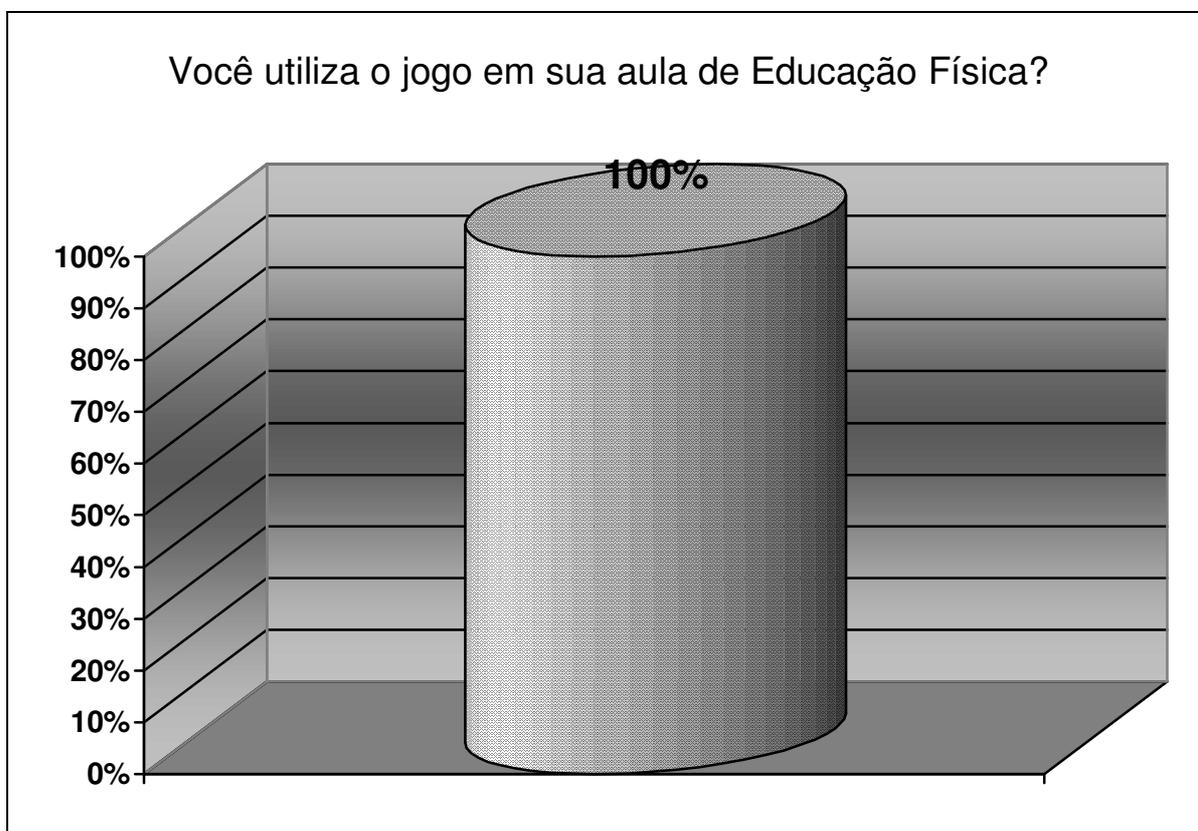
Elaboração da matriz tendo como referência as unidades de significado.

Nº PARTICIPANTES

UNIDADES DE SIGNIFICADO		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Utiliza o jogo em sua aula de Educação Física?		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
O jogo é definido o modo como é conduzido?		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
As regras do jogo ajudam a criança a desenvolver o seu limite?		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
O jogo desenvolve disciplina e organização?		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
A Competição é uma fator motivante no jogo?		X	X	X	X	X				X	X	X		X	X	X		X	X	X	
Como vê as regras dentro do jogo?	Organização	X	X		X	X	X	X	X		X	X		X	X	X		X	X	X	X
	Estimulação																				
	Desafio																				
	Disciplinador			X						X			X				X				
Aceita sugestões dos alunos para construção do jogo, sem o incomodo de sair do planejamento?		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Acredita que o jogo organizado e direcionado traz maior aproveitamento?		X	X	X		X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X
O que o jogo psicomotor desenvolve mais em crianças de 6 anos?	Simbólico																				
	Funcional	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X		X	X	X	X	X	X	X	X
	Relacional										X		X								
Como vê os problemas das crianças ao realizarem o jogo?	Vêm problemas funcionais	X	X				X		X	X		X		X	X	X	X	X	X	X	X
	Vêm problemas relacionais			X	X	X		X			X		X								

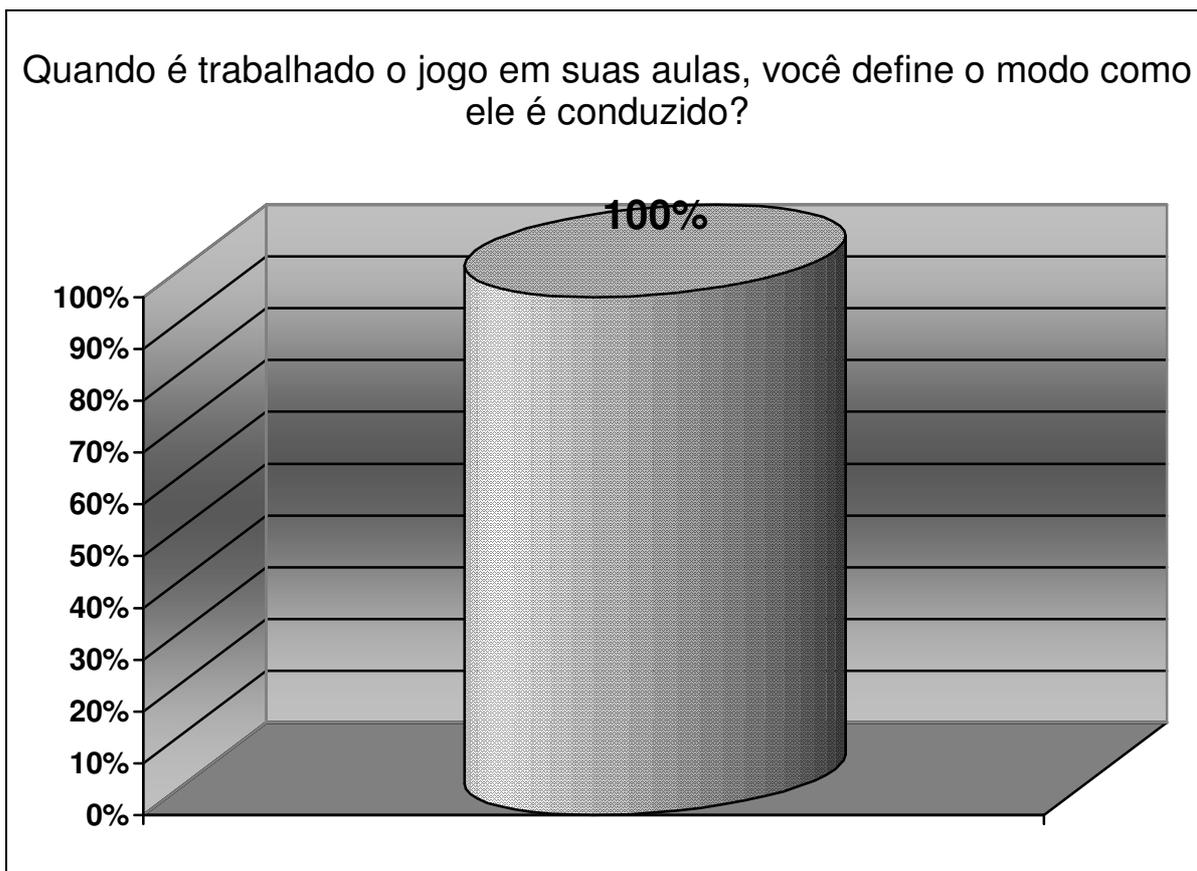
ELABORAÇÃO DOS GRÁFICOS

Para visualização da apresentação dos resultados adotamos para cada unidade de significado um gráfico, que irá mostrar as porcentagens obtidas.

GRÁFICO I : referente a unidade de significado de número um

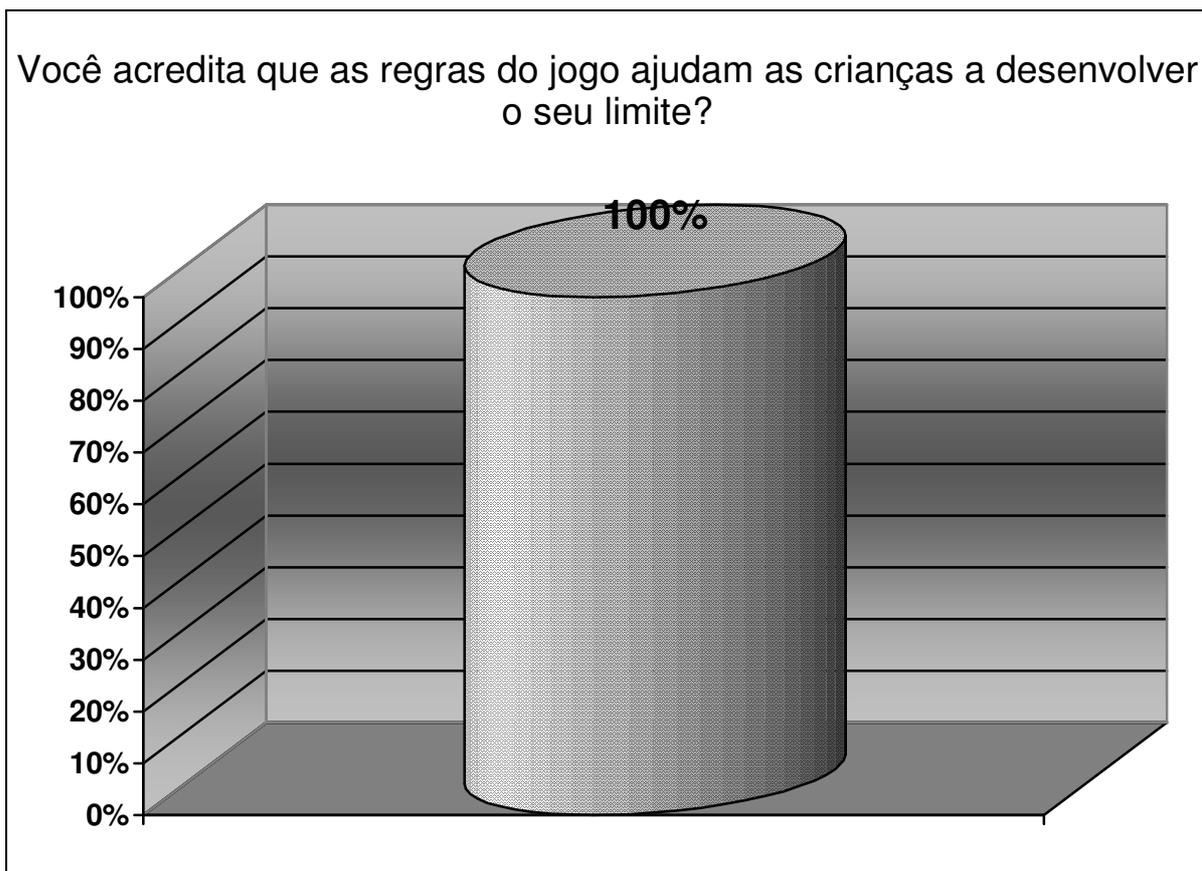
Partindo da unidade de número um, 100% dos participantes tem a mesma idéia de que o jogo é de suma importância para o desenvolvimento dos alunos e das aulas de Educação Física, para que isto aconteça os professores de Educação Física devem criar situações de aprendizagem contextualizadas o mais próximo possível da realidade, voltando-se ao efetivo desenvolvimento integral do ser humano.

GRÁFICO II: referente a unidade de significado de numero dois



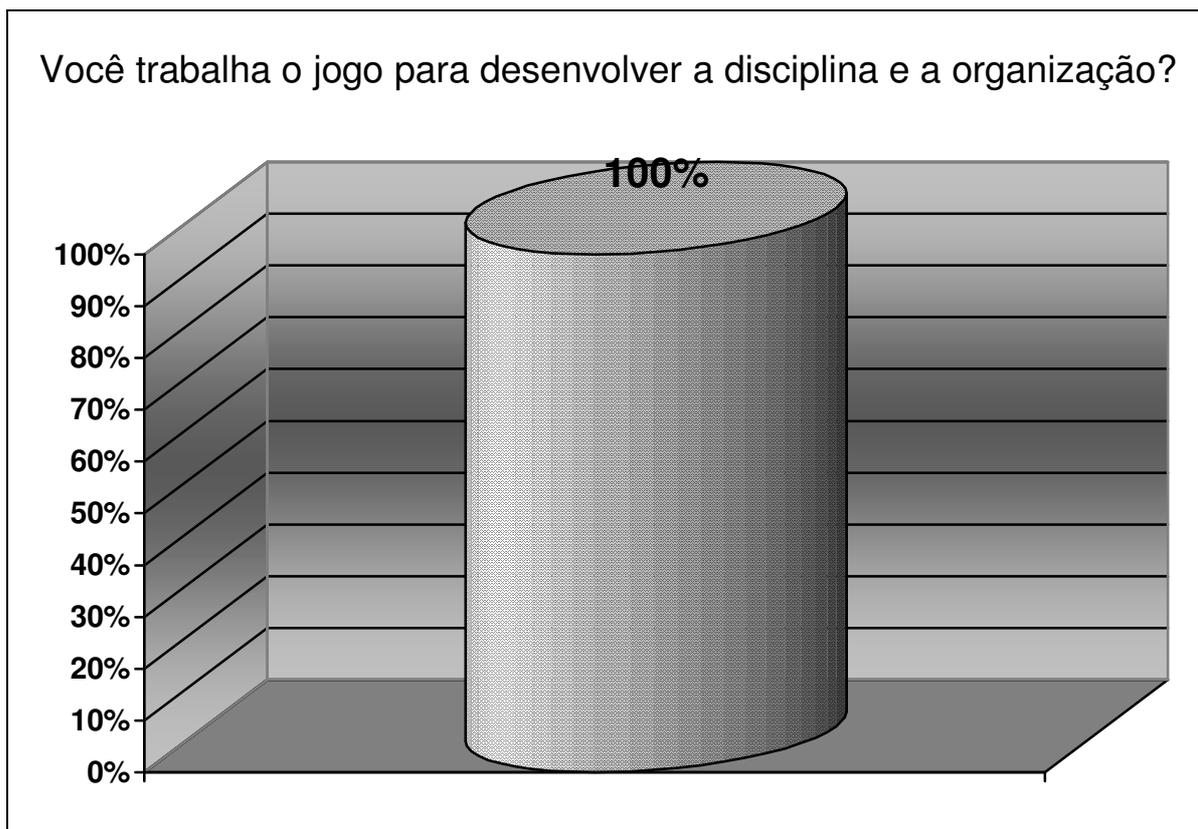
Na unidade de significado de número dois, 100% dos participantes responderam que conduzem o jogo em suas aulas de Educação Física, pois com o jogo definido e bem orientado a criança tem a possibilidade de aprender e desenvolver o movimento humano de forma mais organizada e integrada. O jogo traz a possibilidade de repetição que ajuda a criança a ter uma melhor desenvoltura no seu comportamento motor.

GRÁFICO III: referente à unidade de significado de número três



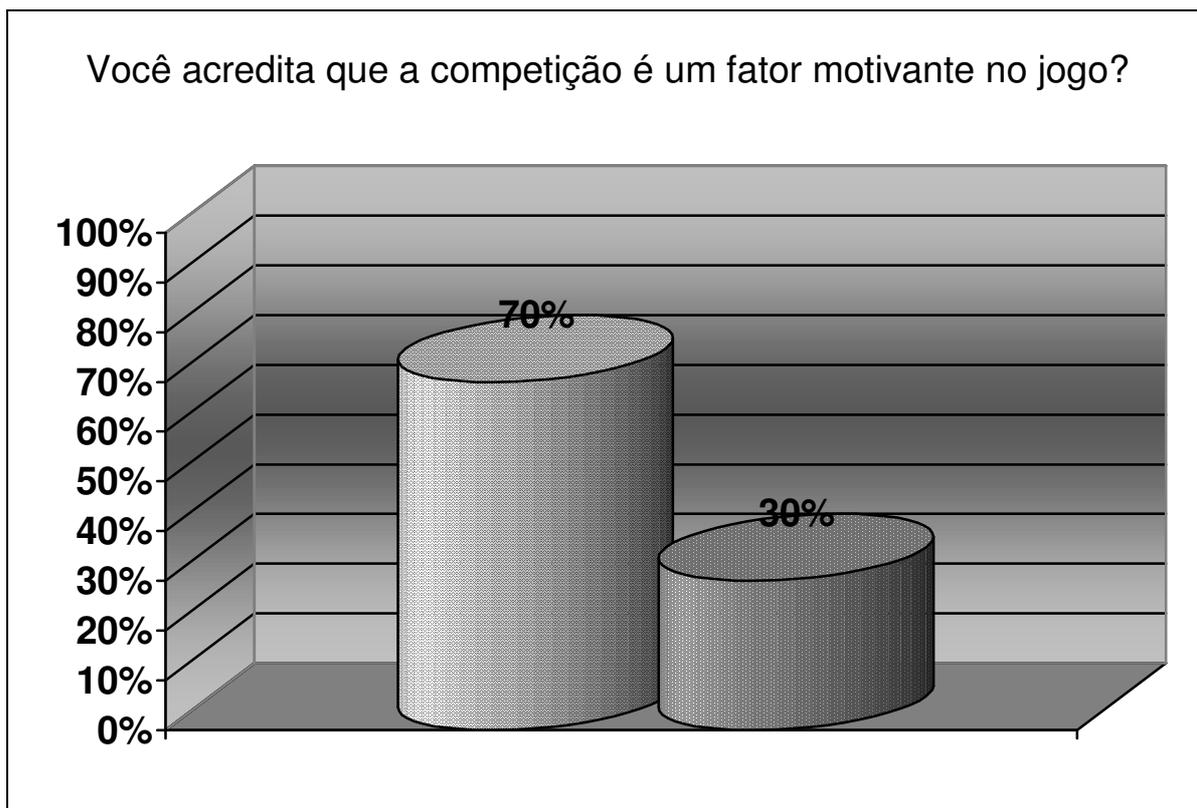
Na terceira unidade de significado 100% dos participantes, colocam o jogo como fator importante para o desenvolvimento do limite do indivíduo, o jogo é o tempo que temos autonomia e limites para buscarmos experiências significativas sem ferir as normas e as regras da sociedade, que valorizem o desenvolvimento social e individual.

GRÁFICO IV: referente à unidade de significado de número quatro



Nesta unidade de significado, 100% dos participantes, colocam o jogo, como um dos fatores que contribuem para a disciplina e organização, e a FIEP(2000, p.28) afirma, em seu art.9 “ Que a Educação Física enquanto disciplina deve ser eticamente utilizada sempre como um meio adequado de respeito e de reforço às diversidades culturais” ou seja contribuindo sempre para formação da cidadania onde a disciplina e a organização são determinantes.

GRÁFICO V: referente à unidade de significado de numero cinco



Na unidade de significado de número cinco, onde 70% dos participantes, colocam que a competição é um fator motivante no jogo, como fator essencial para o desenvolvimento de valores morais, pode-se concluir que o jogo na aula de Educação Física, nas suas diferentes formas, contribui para a formação e aproximação dos seres humanos, tornando-se um dos meios mais eficazes para a convivência humana.

V CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Após a análise dos conteúdos expostos neste trabalho, chegamos a conclusão de que a prática normalmente empregada na Educação Física da Educação Infantil, utiliza o jogo como uma “arma”, que não condiz com a realidade das crianças, devido a preocupação dos professores em obter resultados que determinem o resultado final de seus planejamentos. Existem evidências de que, se os objetivos propostos não estiverem direcionados ao centro do processo educativo, ou seja, a criança, poderão refletir a inviabilidade de uma ação pedagógica. Nesta visão, o aspecto cognitivo é mais destacado e a concepção de corpo é apenas física que o define como um corpo mecânico, que deve ser trabalhado com exercícios físicos e disciplinares.

Sendo assim, para que o trabalho da Educação Física de Educação Infantil possa contribuir para o processo ensino-aprendizagem, deve ampliar as dimensões do comportamento das crianças, no que se refere ao jogo, levando-se em conta seus interesses, necessidades e características específicas que determinam o desenvolvimento psicomotor.

A partir do estudo teórico, análise dos questionários e da observação direta das aulas de Educação Física da Educação Infantil de Colégios particulares de Curitiba, procurou-se verificar a importância da utilização do jogo nas aulas como estimulação no trabalho da Educação Psicomotora.

Desta forma, podemos concluir que é urgente uma transformação na área da Educação Física infantil, no que se refere a descaracterização do jogo tanto na

atividade recreativa quanto na competitiva, e divergência entre a teoria e a prática ao se trabalhar com a criança em desenvolvimento.

Esta conclusão reflete a necessidade de que sejam revistos os enfoques sobre a ludicidade, o jogo e o desenvolvimento da criança dados pelo curso de formação de profissionais em Educação Física. Acreditamos que é a partir do processo de formação destes futuros professores, que se podem gerar as mudanças na ação educativa levada a efeito nas escolas.

Resta-nos ainda colocar que este estudo não esgota o assunto em questão, uma vez que se originou a partir de situações vivenciadas na prática educativa escolar. Durante sua realização, foi possível compreender que se pode chegar a evidências mais profundas quando instrumentalizados por investigação baseada no procedimento científico.

VI REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRES, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro:Guanabara Koogam,1981.

AJURIAGUERRA, J. **Manual de Psiquiatria Infantil**. Rio de Janeiro: Masson do Brasil, 1980.

ARAÚJO, V. C. **O jogo no contexto da educação psicomotora**. São Paulo: Cortez, 1992.

BARROS, D.R. e BARROS,D. **Educação Física na Escola Primária**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1972.

BARROS, D.R. e NEDIALCOVA, G.T., **ABC da Ginástica**. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Esportes, 1999.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

CHATEAU, J. **A criança e o jogo**. Oficinas de Atlântida: Coimbra,1961.

CHATEAU,J. **O jogo e a criança**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1987.

COSTE, J.C. **A psicomotricidade**, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DE MARCO, A. **Pensando a Educação Motora**, Campinas, 1995.

DE MEUR, A. e STAES, L. **Psicomotricidade: educação e reeducação**. São Paulo, Manole, 1984.

FONSECA, V. **Da Filogênese à Ontogênese da motricidade**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro-Teoria e Prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1992.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens. O jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

LAPIERRE, A. e AUCONTURRIER, B. **Fantasmas Corporais e Prática Psicomotora**. São Paulo, Manole, 1984.

LE BOULCH, J. **Educação psicomotora na idade escolar**. Trad. de Jeni Wolff. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MARCELINO, N. C. **Pedagogia da animação**. Campinas: Papyrus, 1990.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia : fundamentos dos recursos básicos**. São Paulo: Moraes / PUC/Sp, 1994

MEC. **PCN. Parâmetro Curricular Nacional**. Vol 7. 2.ed. Brasília, 2001.

MELLO, M. A. **Educação Física: jogos infantis**. 3. ed. São Paulo: Ibrasa, 1985.

OLIVEIRA, M. K de. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

PERROTTI, E. **A criança e a produção cultural**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

RAAB, J. **Os jogos e a sociedade**. Rio de Janeiro: Correio da Unesco, 1980.

VELASCO, G. C. **O despertar psicomotor**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VYGOTSKI, L. S. & LEONTIV, LURIA. A. R. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Scipione, 1988.

ANEXOS

INSTRUMENTO APLICADO

Caro Colega,

Como futuro aluno do Curso de Pós-Graduação em Psicomotricidade Geral, Aquática e Escolar, do Centro Universitário Positivo, pretendo realizar uma pesquisa, relacionada a concepção que o professor de Educação Física tem sobre o jogo numa abordagem psicomotora, solicito sua preciosa colaboração respondendo o questionário que viabiliza a execução do trabalho, e permitir a observação de sua aula.

Atenciosamente

Yuri Rafael Glock Maceno

QUESTIONÁRIO

- 1) Você utiliza o jogo em sua aula de Educação Física?
andréa
 Não
- 2) Quando é trabalhado o jogo em suas aulas você define o modo como ele é conduzido?
 Sim
 Não
- 3) Você acredita que as regras do jogo ajudam a criança a desenvolver o seu limite?
 Sim
 Não
- 4) Você trabalha o jogo para desenvolver a disciplina e organização?
 Sim
 Não
- 5) Você acredita que a competição é um fator motivante no jogo?
 Sim
 Não
- 6) Como você vê as regras dentro do jogo?
 organização
 estimulação
 desafio
 disciplinador
- 7) Você aceita sugestões dos alunos para construção do jogo em sua aula sem incomodo algum por sair do seu planejamento?
 Sim
 Não
- 8) Você acredita que um jogo na aula de Educação Física bem organizado e direcionado traz maior aproveitamento para as crianças?
 Sim
 Não
- 9) O que o jogo Psicomotor desenvolve mais em crianças de 6 anos?
 o simbólico (representação)
 o funcional (coordenação, lateralidade, espaço, etc...)
 o relacional (vinculo com o outro)
- 10) Como você faz com as crianças que apresentam certos problemas a realizar determinados jogos? Justifique.

